



CONTEÚDO PATROCINADO

ALTAR SAGRADO

PARQUE Pedra de Xangô é considerado um dos grandes atrativos para o turismo religioso em Salvador

IGOR SANTOS/SECOM



Localizado entre Cajazeiras X e Fazenda Grande II e inserido na poligonal da Área de Proteção Ambiental (APA) Vale da Avenida Assis Valente, o recém-inaugurado Parque Pedra de Xangô é um orgulho para a comunidade do entorno e o povo de santo. O equipamento já é considerado um dos maiores locais para o turismo religioso de Salvador, ao lado de outras atrações como o Caminho da Fé (Bonfim) e a Igreja dos Alagados. “O turismo religioso não está restrito às igrejas da religião católica, mas deve englobar todas as expressões de um povo”, destaca Tânia Scofield, presidente da Fundação Mário Leal Ferreira (FMLF), que ordenou o projeto elaborado pela FFA Arquitetura e Urbanismo com a participação da comunidade local.

Ela frisa, ainda, que o Parque Pedra de Xangô é muito mais do que um desenho urbano, ele é um patrimônio cultural, religioso e da história de um povo que tem muita importância em nossa cidade. É um símbolo da religiosidade dos afrodescendentes e também um sinal de respeito e proteção à natureza. Por isso, a construção envolveu um projeto complexo e de alto investimento, mas a Prefeitura de Salvador entendia o valor do espaço e o que ele representa para a comunidade e para a cidade. Um dos maiores desafios era o desvio da via urbana, que passava muito próxima à Pedra de Xangô, considerada um verdadeiro altar ao Orixá, que já havia sofrido, inclusive, ataques violentos como dois banhos de sal e pichações, frutos de intolerância religiosa.

INVESTIMENTOS

Era preciso proteger a Pedra, deixá-la ainda mais monumental, bem como preservar os recursos naturais, como os remanescentes da Mata Atlântica. A área também ganhou outros bene-



Projeto de construção do parque, coordenado pela FMLF, foi executado de forma sustentável e preserva a vocação religiosa do local

fícios, como um anfiteatro, lanchonete, uma lagoa, pavimentação, iluminação, sistema de drenagem, terraplenagem e paisagismo. Tudo isso demandou tempo e o investimento de R\$ 8 milhões. O resultado tem enchido os olhos de quem visita o local.

Para Tânia Scofield, a inauguração do equipamento trouxe autoestima cultural para a comunidade. “Eu acompanho o perfil no Instagram da Pedra de Xangô e vejo que estão sendo realizados eventos; as oferendas também estão acontecendo, as crianças estão andando de bicicleta por lá. Ou seja, as pessoas estão usando o espaço”. Oferecer o parque à comunidade de Cajazeiras, contando inclusive com a participação desta nas discussões do projeto, criou um senso de pertencimento e isso será fundamental para a preservação do lugar.

Os representantes do povo de santo e lideranças religiosas que participaram do projeto e vivem ali estão felizes

com a realização. “Ter este espaço, que está afastado do centro da cidade, recebido a atenção e os equipamentos que recebeu é um reconhecimento e uma prova de que nossos orixás são vivos”, afirma a Yá Egbé do terreiro Ilê Axé Oxalufá, Sonia Mendes, mestrandia em Arquitetura e Urbanismo pela UFBA.

Uma das líderes que fizeram parte da equipe de elaboração do projeto, ela comenta que todas as sugestões e os pedidos foram considerados nesta construção. A parceria com os órgãos municipais responsáveis pela reformulação do lugar se deu de forma muito assertiva e harmoniosa. “As obras seguiram todas as recomendações de preservação da vocação do local, bem como das características do meio ambiente. Foram utilizadas técnicas e materiais que não brigam com o espaço e a arquitetura reflete o que ele é sem agredir a Pedra e sem interferir na beleza maior, no verde. A gente consegue chegar e

sentir a energia que vem do orixá que ali está. Agora é fazer com que este parque continue sendo este lugar maravilhoso”, enfatiza.

PRESERVAÇÃO

O trabalho de conscientização para isso vem sendo realizado no dia a dia, através de eventos, rituais e ações. Segundo Sônia, os próprios terreiros têm orientado o povo de santo a depositar as oferendas nas partes de mato e terra, pois existe uma facilidade para degradação dos alimentos usados, após eles surtirem o efeito para o qual foram oferecidos. Também um grupo especial de ialorixás, as matriarcas, realiza ações para alertar as pessoas sobre a importância de cuidar do lugar.

Outra questão salientada por Sônia diz respeito ao comércio informal. A vocação turística e o aumento das visitas naturalmente atrairão os comerciantes informais e as lideranças estudam maneiras para que essa atividade

de aconteça de forma ordenada para evitar degradação e, sobretudo, para que não se perca de vista que se trata de um local de devoção ao sagrado e à religiosidade de um povo.

“Uma das preocupações que tivemos foi justamente pensar neste parque de uma forma que a demanda da relação das pessoas com aquele espaço não interferisse muito na concepção daquilo que a gente pensa sobre ele quanto lugar sagrado. Pra gente, o altar que está ali, a pedra que a gente chama de altar representa a energia de Xangô na terra, algo que foi reconhecido não só por babilorixás, as matriarcas, realizado Alafin Oyó como sendo um lugar que representa essa energia de Xangô, bem como de outras entidades como caboclos e exus, porque eles estão sempre em um conjunto”, ressalta Sônia.

O ESTÚDIO CORREIO PRODUZ CONTEÚDO SOB MEDIDA PARA MARCAS, EM DIFERENTES PLATAFORMAS.

UM POUCO DE HISTÓRIA

A importância do Parque Pedra de Xangô para o povo negro e, consequentemente, para a cidade de Salvador é incomensurável. A história mostra que a capital começa a se desenvolver a partir da presença deste povo e, especificamente, a partir das suas questões religiosas. A maioria dos bairros de capital baiana cresce nos arredores dos terreiros que surgiam e das

pessoas que se aglomeravam perto deles.

“Foi assim que surgiram bairros como Federação, São Caetano, Suburbana, Pirajá... e Cajazeiras não é diferente. Ela começa como uma área que servia de passagem para os quilombos. Primeiro para o Quilombo do Urubu, depois para Quilombo do Buraco do Tatu, que ficava em Itapuã”, explica a Yá Egbé. A área da

Pedra de Xangô, por exemplo, era esconderijo para negros que estavam fugindo dos seus senhores, segundo relatos dos líderes mais velhos e, também, já para ritualística, uma vez que Xangô é um orixá da justiça.

Vale registrar que além da sua relevância ancestral, o Parque Pedra de Xangô é o primeiro no Brasil a receber o nome de um orixá, o que é muito significativo para o

povo negro. Um reconhecimento da contribuição que essas pessoas trazem para o país e para Salvador, que é considerada uma das maiores representatividades do povo da África em terras brasileiras.

Tombamento - A Pedra de Xangô - formação rochosa de 8 metros de altura e, aproximadamente, 30 metros de diâmetro - foi tombada como patrimônio cultural do mu-

nicipio, em maio de 2017. No parecer técnico da Fundação Gregório de Mattos (FGM) há o reconhecimento formal como o Altar de Xangô. O texto cita: “é considerada um monumento natural, um marco na história de resistência daqueles que sofreram com a escravidão em Salvador, pois, segundo a tradição oral, servia como passagem e esconderijo de quilombolas perseguidos”.